

Em Defesa da Latinidade

Gary Ngai

Esta estratégia retiraria Macau da sua actual posição como sombra do turismo de Hong Kong, para uma posição de cabeça de dragão do turismo cultural no Delta do Rio das Pérolas.

Os macaenses possuem, por natureza, uma identidade própria, rica e diferenciada dos seus vizinhos. Preservá-la é um desafio que se vai colocar ao território depois da transição.

A identidade de Macau pode ser explicada através de duas categorias: a espiritual e a material. No início, esta identidade estava relacionada com aspectos geográficos, demográficos e económicos, mas mais tarde adquiriu uma componente humana expressa através de aspectos políticos e legais, para além de uma variadíssima herança cultural, que inclui relíquias, arquitectura, religião, língua, folclore, vestuário, etc. No passado, intelectuais locais e continentais concentraram as suas investigações fundamentalmente no aspecto material, negligenciando o aspecto espiritual. Na verdade, os dois não podem ser separados, porque constituem um todo cujo conteúdo é único e resulta de quatro séculos de formação.

A cultura chinesa em Macau, como a cultura chinesa em Hong Kong e zonas ultramarinas, foi influenciada pela cultura ocidental, a diferentes níveis e em diferentes aspectos. Ao contrário de Hong Kong, Macau tem uma longa história de contacto com o Ocidente na qual a cultura chinesa teve de coexistir, interagir, chocar e misturar-se com a cultura vinda do Ocidente. Este processo de coexistência e interacção entre o Oriente e o Ocidente em Macau produziu diferentes resultados, se compararmos com outras cidades da China e com Hong Kong. Como resultado desta tolerância, a liberdade religiosa em Macau foi bem preservada. Catolicismo, Protestantismo, Budismo, Taoísmo, Islamismo e a fé em Bahai têm vivido lado a lado durante séculos, conservando os seus próprios rituais e crenças, sem conflitos ou derramamento de sangue. Esta tolerância religiosa é, sem dúvida, estranha no mundo moderno.

Apesar da longa permanência desta brecha cultural, as duas culturas nunca pararam de interagir. A interacção resulta numa certa mistura das duas, não apenas física, mas também num processo químico que deu origem a uma nova geração, identificada como Euroasiática ou Macaense, que possui uma cultura muito própria, na sua linguagem, gastronomia, arte e vestuário, e que se foi construindo ao longo de muitas gerações. Apareceu assim uma comunidade especial, diferente dos portugueses e dos chineses. A referida comunidade nunca teve um processo cultural paralelo com a vizinha Hong Kong, pois tem características culturais de ambos os povos, tendo desempenhado um papel importante na História de Macau.

A adaptação do sistema político e legal ocidental por parte da comunidade chinesa local é outra importante experiência, especialmente para os novos imigrantes vindos do continente. É bastante notório que alguns dos valores ocidentais têm sido aceites pelos chineses, especialmente aqueles que dizem respeito a uma melhor educação. O aumento da percentagem de chineses eleitores e a crescente preocupação da população chinesa local em

defender as liberdades existentes e fazer prevalecer a lei é um notável exemplo de uma evolução em sentido positivo. Através da interacção entre as culturas oriental e ocidental em Macau podemos facilmente chegar à conclusão que a identidade cultural de Macau é sino-latina, isto é, envolve a coexistência, interacção e mistura das duas, baseada no mútuo respeito e tolerância, implicando mais harmonia do que conflito, mais consensos do que confrontos, mais reconciliações do que alheamentos, mantendo a estabilidade numa pluralidade. Isto pode ser designado por "Modelo Macau", significativamente diferente do exemplo de Hong Kong, dado a sua raiz anglo-saxónica, atreita a mais conflitos.

O debate sobre a preservação da herança cultural de Macau está longe do fim. Começou no início dos anos 80, quando o febril desenvolvimento da comercialização do território destruiu alguns dos velhos edifícios na parte histórica da cidade, substituindo-os por arranha-céus. O Instituto Cultural de Macau, atento ao problema, tem vindo a envidar todos os esforços no sentido de classificar, legislar e financiar o restauro de muitas dessas construções, tanto de traça arquitectónica oriental como ocidental, desde que sejam de interesse histórico e consequentemente cultural.

Este trabalho de preservação e salvaguarda dos nossos edifícios históricos torna-se imperativo no próximo século, e deverá prevalecer, impondo-se contra um conjunto de ideias profundamente erradas sobre a necessidade de demolição do que ainda resta da parte histórica da cidade em nome de um "desenvolvimento" da mesma. Na verdade, é possível conciliar os dois objectivos em questão: preservação e desenvolvimento, desde que haja um planeamento e coordenação para um espaço urbano melhor. Assim, será salvaguardado um Museu vivo, único no mundo, classificado como tal pela UNESCO.

O assunto é controverso e polémico, pois existe uma forte tendência para sobrevalorizar a influência chinesa e diluir a influência latina da nossa identidade. Os defensores deste ponto de vista justificam-no no facto de a maioria esmagadora da população ser chinesa. Assim, segundo os mesmos, a identidade dominante e orientadora é a chinesa, enquanto a latina, respeitante apenas a uma minoria da população, é colonial por natureza, apoiada numa estrutura que deverá desaparecer ou entrar em progressivo desvanecimento, quando a presença portuguesa cessar. Esta argumentação pertence a uma linha de orientação já ultrapassada no tempo, mas que teimosamente ainda vai tendo os seus adeptos em Macau. Uma vez aceite ou mesmo tolerada depois de 1999 poderá dar origem, com o decorrer dos anos, à transformação de Macau em mais uma cidade chinesa ou reduzi-la a um simples apêndice da vizinha Zhuhai. Assim, se se perder as características latinas, bem como as influências históricas dos contactos ultramarinos havidos, estará completamente posta de lado a base da política "Um país, dois sistemas".

De facto, com a implementação da referida linha política, a latinidade e a influência ocidental na nossa identidade são mais importantes do que a influência da identidade chinesa, porque conferem a Macau um cunho completamente diferente das outras cidades chinesas. De modo a manter inalterável nos próximos cinquenta anos a presente situação socio-cultural, como está salvaguardado na Lei Básica, a influência latina da nossa identidade não deverá ser diluída ou erradicada. Muito pelo contrário, deverá ser orientada e desenvolvida para manter o estatuto de Região Especial Administrativa, região privilegiada na manutenção das ligações ultramarinas, conferindo-lhe um estatuto de ponte de ligação entre a Ásia-Pacífico em geral, e a China em particular, com o mundo de idioma de raiz latina existente na Europa, África e

América, através da utilização de uma estrutura linguística e de um sistema legal comuns.

Como ainda estamos longe de conseguir um consenso sobre a nossa própria identidade, uma das prioridades para solucionar o problema deverá ser a realização de uma investigação interdisciplinar, com particular ênfase nas Humanidades, de modo a estabelecer uma definição científica. Na última década a investigação tem sido conduzida principalmente por intelectuais da China continental ou por intelectuais locais educados na China. Como resultado destas investigações tem havido inúmeras publicações, sendo, no entanto, limitadas em extensão e profundidade, para além de não estarem familiarizadas com as fontes escritas em línguas do Ocidente.

Os resultados da investigação sobre a identidade de Macau deverão ser ligados à implementação de programas de educação cívica dirigidos à juventude em particular, e à população em geral, especialmente aos novos emigrantes. Tópicos sobre diversos aspectos de Macau, como a Geografia, História, Cultura, Política e o sistema legal (não apenas aquilo que está na Lei Básica) deverão ser introduzido nos currícula das escolas locais; comunicações, discussões e debates deverão ser integrados no programa normal das disciplinas.

Um outro aspecto desta questão é a vantagem de podermos usufruir da nossa própria identidade cultural para impulsionar o turismo cultural, por um lado, melhorando as relíquias existentes, treinando guias turísticos qualificados para darem uma correcta e viva explicação sobre a história cultural de Macau, e construindo novos parques temáticos inspirados na nossa própria identidade cultural para atrair turistas de todas as idades, sexos e nacionalidades. O facto de respeitarmos os seus interesses e simultaneamente providenciarmos entretenimento e informação sobre a nossa cultura diferenciarão estes parques de outros existentes na região.

A indústria do jogo, como um todo único neste contexto, deixará gradualmente a sua posição cimeira na economia de Macau. Esta estratégia também retiraria Macau da sua actual posição como sombra do turismo de Hong Kong, para uma posição de cabeça de dragão do turismo cultural no Delta do Rio das Pérolas, e asseguraria a sua singularidade na Região Ásia-Pacífico. Haveria que contar com suportes culturais adicionais como o Centro Cultural, o Centro de Exposições, ginásios, etc.. Macau poder-se-ia tornar num centro de conferências, encontros mundiais, espectáculos, exposições recreativas, ou até um lugar de retiro e cuidados de saúde.

Analisando a história podemos ver que o papel de Macau foi sempre de intermediário, um eixo, uma ponte, para promover trocas culturais e comerciais entre o Império do Meio e o resto do Mundo. Os governantes chineses, começando nos imperadores Ming, até Mao Zedong, Zhou Enlai, Deng Xiaoping e Jiang Zemin, souberam e sabem como preservar esta identidade em benefício da China, mas Deng Xiaoping foi suficientemente inteligente para identificá-la na fórmula “Um país, dois sistemas”.